UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA / SEDE
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA - LICENCIATURA

EDSON ROBERTO GRANJA ARAUJO

O OLHAR EM “HERÓI”: VOYEURISMO NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA DE SIMONE CAMPOS

Arapiraca
2025

EDSON ROBERTO GRANJA ARAUJO

O OLHAR EM “HERÓI”: VOYEURISMO NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA DE SIMONE CAMPOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca / Sede como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ferreira Marques.

Arapiraca

2025

Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Setorial *Campus* Arapiraca - BSCA

A663o Araujo, Edson Roberto Granja
O olhar em “Herói” [recurso eletrônico]: voyeurismo na ficção contemporânea de Simone Campos / Edson Roberto Granja Araujo. – Arapiraca, 2025.
34 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ferreira Marques.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, Arapiraca, 2025.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus* Arapiraca).
Referências: f. 29.
Anexos: f. 30-34.

1. Linguística. 2. Literatura contemporânea. 3. Campos, Simone, 1983 -. I. Marques, Marcelo Ferreira. II. Título.

CDU 81

Bibliotecário responsável: Márcio Thiago dos Santos Albuquerque
CRB - 4 / 2052

EDSON ROBERTO GRANJA ARAUJO

O OLHAR EM “HEROI”: VOYEURISMO NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA DE SIMONE CAMPOS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca / Sede e aprovada em 30 de maio de 2025.

Banca examinadora:

_____
(Orientador(a) - Dr. Marcelo Ferreira Marques)

_____
(Examinador(a) Interno(a) - Dra. Karla Renata Mendes)

_____
(Examinador(a) Interno(a) - Dr. Alan Brasileiro de Souza)

Dedico este trabalho aos professores do curso de Letras, especialmente aos professores Marcelo Ferreira Marques e David Lopes da Silva. Sua dedicação, incentivo e compreensão foram fundamentais para a conclusão desta monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dr. Marcelo Ferreira Marques, meu orientador, por sua paciência, orientação e incentivo ao longo deste processo. Agradeço também ao Professor Dr. David Lopes da Silva por ter iniciado este texto comigo.

Agradeço aos professores do Curso de Letras do Campus Arapiraca que formam, orientam e auxiliam os estudantes desse curso. É sua persistência, incentivo, coragem, ética, compromisso e competência que nos inspira e nos eleva.

Agradeço à Professora Dra. Vanusia Amorim Pereira dos Santos, que me inspirou à carreira docente com seu exemplo de trabalho íntegro, sua alegria, seriedade e que me apresentou à literatura brasileira ainda na educação básica.

Agradeço aos meus pais, que me deram as condições necessárias para trilhar meu caminho garantindo que nada me faltasse e permitindo que eu fosse o primeiro de minha família a concluir o ensino superior mudando a minha realidade.

Agradeço, nominalmente, aos meus amigos, especialmente ao irmão que a vida me deu, Lucas Santos Chall, sua alegria, seu incentivo e sua companhia tornaram o caminho menos difícil. Por fim, agradeço à Professora Dra. Tereza Albuquerque que foi uma amiga, tutora e incentivadora ao longo de minha formação.

“E nesse mundo que eu estava conhecendo, há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também: tudo isso também significa ver.” (Lispector, 1964, p. 76).

RESUMO

Este trabalho analisa o conto *Herói*, de Simone Campos, a partir de um entendimento do voyeurismo como tema e procedimento narrativo. Inserida no contexto da literatura brasileira contemporânea, a narrativa faz uso de características como fragmentação, ironia e crítica social. Fundamentado em teóricos como Schøllhammer (2010) e Resende (2008), o estudo compreende o autor contemporâneo como alguém deslocado, capaz de observar criticamente seu tempo. A análise é conduzida em três eixos: o olhar fetichizante do narrador sobre as mulheres observadas, a projeção de estereótipos sobre os personagens e a manipulação dos fatos narrados como expressão de controle. O protagonista Darel observa, com um binóculo, funcionárias de uma repartição pública, convertendo-as em objetos de desejo. Mesmo ao iniciar um relacionamento com uma delas, mantém o distanciamento e a postura voyeurística. A narrativa revela como o olhar molda a percepção e desafia o leitor a refletir sobre os limites entre aparência e essência. Conclui-se que Simone Campos utiliza o voyeurismo para construir uma crítica à forma como se observa e se representa o outro na contemporaneidade, questionando as fronteiras entre narrador, personagem e leitor.

Palavras-chave: Simone Campos; Herói; literatura contemporânea; voyeurismo; narrativa.

ABSTRACT

This paper analyzes the short story *Herói*, by Simone Campos, based on an understanding of voyeurism as both theme and narrative procedure. Situated within the context of contemporary Brazilian literature, the narrative employs characteristics such as fragmentation, irony, and social critique. Drawing on theorists such as Schøllhammer (2010) and Resende (2008), the study conceives of the contemporary author as a displaced figure, capable of critically observing their time. The analysis is conducted along three axes: the fetishizing gaze of the narrator toward the women he observes, the projection of stereotypes onto the characters, and the manipulation of narrated facts as an expression of control. The protagonist, Darel, watches female employees of a public office through binoculars, turning them into objects of desire. Even after beginning a relationship with one of them, he maintains both his distance and his voyeuristic posture. The narrative reveals how the gaze shapes perception and challenges the reader to reflect on the boundaries between appearance and essence. It is concluded that Simone Campos employs voyeurism to construct a critique of the ways in which the other is observed and represented in contemporary times, questioning the boundaries between narrator, character, and reader.

Keywords: Simone Campos; Herói; contemporary literature; voyeurism; narrative.

SUMÁRIO

1 LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM PERSPECTIVA 9
2 SIMONE CAMPOS: TRAJETÓRIA 13
3 VOYEURISMO NARRATIVO E A CONSTRUÇÃO DO OLHAR EM HERÓI 20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 28
REFERÊNCIAS 29
ANEXO A – HERÓI 30

1 LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM PERSPECTIVA

O solo da ficção contemporânea brasileira é perigoso e movediço. Perigoso, pois, ao nos aproximarmos do que se entende por literatura contemporânea e de textos que ainda não passaram pelos testes do tempo, corremos os riscos inerentes à complexidade do tema e à escassez de pesquisas na área – sobretudo ao tratarmos da autora e da obra analisadas neste ensaio. Movediço, pois há uma variedade imensa de publicações teóricas sob o escopo do que entendemos como contemporâneo. Afinal, é nesse palco que se desenrolam disputas quanto ao que vale ou não ser escrito e se fazem presentes expressões, entre outras, como *literatura indígena, literatura negra, literatura de autoria feminina,* que colocam em cena diversas possibilidades temáticas, de feitura e recepção do texto literário em nossos dias.

Para pensar isso, o presente texto investiga, a partir da leitura de *Herói* – conto da escritora Simone Campos –, de qual forma o voyeurismo se estrutura não apenas enquanto tema, mas também enquanto procedimento narrativo, servindo tanto como ferramenta de crítica social, quanto como alegoria da posição e olhar do(a) autor(a) contemporâneo(a).

Categoria complexa, a noção de contemporâneo com que vamos trabalhar se afina com o conceito apresentado por Karl Erik Schøllhammer, em *Ficção brasileira contemporânea*, quando escreve:

> O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. É ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (Schøllhammer, 2010, p.10).

Assim, podemos compreender o “autor contemporâneo” não somente como um agente que se aproxima objetivamente da atualidade, mas também como um intérprete dela graças a um dado distanciamento e deslocamento que lhe permite julgar hábitos, analisar crenças e refletir acerca de seu próprio tempo no plano ficcional, através de seu estilo e dos suportes que queira utilizar para a publicação de seus textos.

Nessa perspectiva, nota-se que a elaboração ficcional de questões sensíveis para o autor lhe permite administrar métodos e procedimentos da escrita literária próprios do que é estabelecido não apenas nos meios canônicos, mas também – e muitas vezes especialmente – do que existe fora dele.

Essas são, por exemplo, algumas das razões que reforçam a ideia de que o contemporâneo não é um bloco uniforme, já que ele se transforma e se desdobra sem parar, dialogando com o que manifesta Beatriz Resende, em *Contemporâneos*:

> Ao iniciarmos qualquer observação sobre a prosa da ficção brasileira contemporânea, especialmente a praticada da metade dos anos 1990 até o correr desta primeira década do século XXI, percebemos, de saída, que precisamos deslocar a atenção de modelos, conceitos e espaços que nos eram familiares até pouco tempo atrás. Teremos que deixar jargões tradicionais no trato com o literário [...] (Resende, 2008, p. 15).

É importante deixar claro que nossa intenção não é desconsiderar a tradição ou o cânone da Teoria Literária, nem advogar pelo abandono dos parâmetros que balizam, tradicionalmente, a leitura do texto literário. Tal postura iria em direção oposta do que tentamos aqui, que é a diversificação da discussão no plano ficcional contemporâneo. Estamos mais próximos de sugerir a ideia de multiplicidade, de Resende, que diz:

> Multiplicidade é a heterogeneidade em convívio, não excludente. Esta característica se revela na linguagem, nos formatos, na relação que se busca com o leitor e – eis aí algo realmente novo – no suporte, que, na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação. São múltiplos tons e temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura, postura que me parece a mais interessante e provocativa nos debates que vêm sendo travados. (Resende, 2008, p. 18)

Essa concepção de multiplicidade nos interessa pela variedade de suportes em que nossa autora escreve e pela forma como sua obra vem sendo publicada. Todas as tentativas de delimitar com precisão o trabalho de Simone Campos esbarraram em suas variadas experiências de publicação e nos procedimentos que escolhe para estruturar suas narrativas – ora mais experimentais, ora mais tradicionais.

Estudar tal recorte da literatura contemporânea é tarefa complexa, mas não impossível – e não há pretensão de esgotá-lo. O que muito (ou mais) interessa aqui é apontar que a multiplicidade que marca a ficção atual também define a trajetória de Simone Campos, e analisar sua obra é um modo de aproximá-la da variedade de procedimentos que compõem a ficção brasileira em nossos tempos.

Para tanto, iremos considerar, em primeiro momento, um panorama de sua obra (2000 a 2025), destacando algumas de suas características preponderantes e,

em segundo momento, nos ateremos à análise do conto “Herói”, presente no volume *Amostragem Complexa* (2009) sob a perspectiva do voyeurismo.

A obra de Simone Campos insere-se na literatura contemporânea brasileira a partir de uma articulação de procedimentos narrativos, inicialmente marcados pela experimentação formal, forte intertextualidade e apropriação de elementos da cultura pop e digital. Partindo de gêneros como o romance, transita do conto ao livro-jogo e o *thriller*, demonstrando singular atenção à linguagem, aos esquemas de estrutura narrativa e, principalmente, às tensões entre o cotidiano citadino e os dilemas existenciais de uma juventude hiperconectada.

Em livros como “*A vez de morrer*”, Simone Campos estabelece relações com uma geração de escritores que explora as interações entre subjetividade, pós-modernidade e urbanidade, aproximando-se de nomes como Daniel Galera e Veronica Stigger. Seu trabalho se identifica consistentemente – entre outras propriedades – com a fragmentação característica da literatura do século XXI, ao mesmo tempo em que mantém um olhar crítico e sensível sobre o Brasil contemporâneo, especialmente o Rio de Janeiro como espaço simbólico e real de seus enredos.

Especificamente no conto *Herói*, presente na coletânea *Amostragem Complexa* (2009), encontraremos uma reflexão ácida e irônica sobre a construção da masculinidade e a ideia de heroísmo na sociedade contemporânea. A narrativa desconstrói o arquétipo clássico do herói ao apresentar um protagonista que, embora se perceba como alguém destinado a grandes feitos, revela-se limitado, inseguro e contraditório.

Com um estilo dinâmico e fragmentado, típico da prosa de Campos, o conto explora a tensão entre a imagem que o personagem projeta de si e a realidade banal e frustrante que o cerca, lançando mão de referências à cultura pop e à estética dos videogames como formas de ampliar o campo simbólico dessa figura em crise. *Herói* se insere, assim, na tradição da literatura contemporânea brasileira que problematiza os discursos de identidade e os modelos comportamentais pré-estabelecidos em uma sociedade voyeurística, fragmentada, burocratizada e dominada por aparências.

Nesse contexto de representações instáveis, o conto também evidencia como a narração se torna uma ferramenta crítica, capaz de tensionar as fronteiras entre ver e interpretar, entre aparência e essência. Ao manipular as perspectivas e os procedimentos de construção do texto narrativo, o narrador não apenas exerce

controle sobre o que é visível, mas também desafia o leitor a questionar o processo de observação e a própria construção de sentido, provocando uma reflexão mais profunda sobre as práticas representacionais.

Especialmente neste trabalho, ao examinar o voyeurismo nesta obra, é possível perceber como o narrador, ao ser a única janela ponderável, condiciona a nós, leitores, seu olhar sobre as personagens, tornando-se agente parcial de observação de realidades íntimas e não reveladas. Esse ato de "olhar" se reflete na forma como o discurso narrativo é construído, uma vez que a manipulação das perspectivas e do ponto de vista cria distâncias e aproximações, alterando a percepção do leitor sobre os objetos da narrativa. Dessa forma, a relação entre o narrador e sua observação se traduz em um mecanismo narrativo que incita o questionamento e a reflexão.

Portanto, a proposta é investigar o conto *Herói*, de Simone Campos, a partir de uma noção de voyeurismo na literatura, compreendendo o voyeurismo não apenas como tema, mas também como procedimento narrativo. Mais do que simplesmente tratar o voyeurismo como objeto temático, o enfoque recai sobre uma reflexão a respeito de práticas de leitura e de construção narrativa, buscando revelar tensões nos limites entre ver e compreender, aparência e essência, autor e leitor – transformando a narrativa em uma verdadeira experiência interpretativa.

2 SIMONE CAMPOS: TRAJETÓRIA

Simone Campos nasceu no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1983. Formada em Jornalismo e Produção Editorial pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Publicou seu primeiro livro, *No shopping*, em 2000, aos 17 anos, o que a levou a ser entrevistada no programa de Jô Soares. Desde então, publicou diversas obras, incluindo romances, uma série de contos (no Brasil e no exterior), ensaios, críticas, traduções, artigos acadêmicos e trabalhos como produtora editorial.

Além disso, Simone atuou como tradutora e trabalhou em editoras como Azougue Editorial e Record. Ela também tem experiência em design, sendo responsável pela capa de dois de seus livros. Produziu também um site interativo que faz parte de uma de suas obras, um livro-jogo virtual. Recentemente, anunciou o romance *Mulher de pouca fé* (2025).

Na academia, é autora das seguintes publicações: *Mudanças no equilíbrio de poder: o caso Napster*, sua monografia de fim de curso de Comunicação Social – Jornalismo na UFRJ (2004); *O e-book e além: projeções e implicações para autores, editoras e para a leitura no Brasil*, sua monografia de fim de curso de Comunicação Social – Produção Editorial na UFRJ (2009); *O jogo e os jogos: o jogo da leitura, o jogo de xadrez e a sanidade mental em 'A defesa Lujin', de Vladimir Nabokov*, sua dissertação de mestrado em Letras – Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UERJ (2014); e a tese de doutorado em Letras – Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UERJ (2019) *Jogos eletrônicos: ficções e playgrounds filosóficos?*, além de diversos artigos.

Em 2019, uma *graphic novel*, classificada pela autora como "autoficção científica" e fantasia, que seria publicada pela divisão de quadrinhos da editora Companhia das Letras – a Quadrinhos na Cia –, pela qual já tem romance publicado, foi anunciada, mas não chegou a ser lançada. Simone também possui uma série de colunas e artigos de opinião publicados em diversos periódicos físicos e digitais, tanto acadêmicos quanto jornalísticos.

Além de sua atuação acadêmica e editorial, Simone Campos construiu uma carreira literária, que abrange desde romances e contos até obras interativas e traduções. Sua produção é marcada pela exploração de diferentes formas de narrativa

e pelo uso de novas mídias, o que a torna uma autora multifacetada. A seguir, destacam-se algumas de suas principais publicações no campo da ficção:

No shopping, obra lançada pela editora 7Letras no ano 2000, pode ser descrita como “a observação de cinco adolescentes e seus rituais de acasalamento, disputa de poder e tédio”. Com uma campanha bem-sucedida, o livro esgotou duas tiragens; uma terceira ainda pode ser encontrada nas livrarias.

A feia noite, lançada pela editora 7Letras em 2006, faz parte da Coleção Rocinante, responsável por introduzir muitos autores ao mercado literário no século XXI. A publicação conta com material extra: um blog e ilustrações disponíveis na internet. Em seu site, Campos afirma: “É um livro bem pretensioso: canalizei toda a minha bizarrice interior para ele” (Campos, 2025).

Também em 2006, Simone lançou *Penados y rebeldes*, um romance online de ficção científica. Aqui, a autora escreve sob o pseudônimo Filipa Borg e trata-se de um lançamento independente.

Anos mais tarde, publicou *OWNED – um novo jogador*, um livro-jogo online, também lançado em formato impresso pela editora 7Letras, em 2011. A obra é interativa, permitindo que o leitor, usuário da plataforma onde o livro está hospedado, explore diferentes possibilidades narrativas e caminhos com múltiplos finais.

Já na prestigiada editora Companhia das Letras, em julho de 2014, Simone Campos lançou *A vez de morrer*. O livro, que marca uma nova proposta em sua prosa, é o retrato do cansaço estampado na face dos filhos dos anos 1990, narrado através das experiências da personagem central, Isabel. A obra foi semifinalista do Prêmio Oceanos.

Em 2021, lançou seu sexto romance, *Nada vai acontecer com você*, descrito pela autora como um suspense psicológico. Em 2025, está previsto o lançamento de *Mulher de pouca fé*, seu sétimo romance.

Nesse ínterim, entre a publicação de romances, Simone Campos também lançou um livro de contos, *Amostragem complexa*, pela editora 7Letras, em 2008. O livro é, de fato, uma amostragem rica e variada do que se pode encontrar em sua prosa.

Campos também integrou importantes antologias. Destacam-se *Geração 90 – Os transgressores*, da editora Boitempo, organizada por Nelson de Oliveira, publicada em 2003 – ocasião em que houve certo burburinho na crítica sobre escritores com

carreira ainda curta serem denominados “geração”, embora nada de maior consequência tenha ocorrido.

Outra antologia relevante com participação de Simone é *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, da editora Record, lançada em 2004, com organização de Luiz Ruffato.

Além das antologias mencionadas, Simone aparece em diversas outras publicações, como revistas e blogs especializados em literatura digital, além de atuar como colunista em importantes veículos, como O Globo, Le Monde Diplomatique Brasil e o suplemento literário Pernambuco, do Diário Oficial do Recife.

O trabalho da escritora ainda atravessa a tradução, sendo responsável por livros de imensa circulação no circuito comercial como *A garota no trem* [*Girl on the Train*], de Paula Hawkins, lançado pela editora Record em 2015, *Menina má* [*The Bad Seed*], de William March, publicado originalmente em 1954, obra da qual Ernest Hemingway se declarou fã, em versão trazida para o Brasil pela editora DarkSide em 2016, entre outras. Simone também possui registros como revisora, copidesque, coordenadora e produtora de livros.

Para além de sua expressiva produção literária, acadêmica e editorial, Simone Campos também se destaca por sua presença digital, especialmente em postagens de blog nas quais constrói uma narrativa pessoal permeada por ironia, crítica social e reflexão existencial. Esses textos, ainda que muitas vezes informais e de caráter autobiográfico, revelam uma escritora atenta às contradições do espaço urbano e às tensões identitárias de viver no Brasil.

É nesse território híbrido entre o íntimo e o público, entre o cotidiano e o literário, que Simone elabora uma persona marcada pela sensação de deslocamento e pela constante reelaboração estética da realidade. A seguir, analisam-se algumas dessas postagens, nas quais a autora expõe – sem filtros – suas inquietações e modos de estar no mundo.

É importante dizer que esse gesto de exposição íntima, permeado por reflexões estéticas e existenciais, não se dá de forma isolada. Ele se insere em um movimento mais amplo da literatura brasileira contemporânea, que vem explorando justamente essas zonas de fronteira entre gêneros, suportes e vozes. E a produção literária contemporânea brasileira tem se caracterizado por uma crescente hibridez entre tais zonas. Simone Campos é um exemplo expressivo dessa tendência, transitando entre o romance, o conto, a literatura digital, o ensaio e a escrita autobiográfica.

Em seu blog pessoal, intitulado *[blog_sibylla]*, Campos constrói uma persona marcada pela crítica social, pelo deslocamento existencial e por um olhar estético sobre o cotidiano. Tais aspectos revelam uma continuidade temática e estilística com sua obra ficcional, ao mesmo tempo em que delineiam uma identidade autoral que tensiona os limites entre o público e o privado, o íntimo e o político, o real e a ficção.

Na postagem “Momento lindo”, de 28 de agosto de 2013, Simone Campos narra uma noite de festa na qual, segundo suas palavras, “provavelmente agi de forma bem antipática para padrões cariocas”. A descrição culmina em uma imagem emblemática: uma fotografia em que recebe vodka na boca da DJ Sasha Grey. Ainda que o tom do relato seja pessoal, o modo como Campos estrutura a narrativa – com ênfase na mise-en-scène, na construção da imagem e no estranhamento – revela um procedimento de estilização da experiência vivida.

Nesse sentido, Roland Barthes nos lembra que a escrita é como um estranho gesto pelo qual nos afastamos de nós mesmos para nos tornarmos legíveis. A autora, portanto, reelabora sua vivência em chave estética, no espaço do texto, conferindo-lhe uma camada ficcional e autorreflexiva. Tal estilização do cotidiano encontra eco na reflexão de Friedrich Nietzsche em *A Gaia Ciência* (2001, p. 124), quando afirma:

> Como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos tal fenômeno. Ocasionalmente, precisamos descansar de nós mesmos, olhando- nos de cima e de longe e, de uma artística distância, rindo de nós ou chorando por nós; precisamos descobrir o herói e também o tolo que há em nossa paixão do conhecimento, precisamos nos alegrar com a nossa estupidez de vez em quando, para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria! (Nietzsche, 2001, p. 124)

Simone Campos parece operar justamente nesse espaço de "distância artística", no qual o olhar sobre si e sobre o mundo é mediado pela ironia, pelo incômodo e pela recusa do pertencimento automático.

Em uma postagem sem título, datada de 8 de julho de 2008, Simone escreve:

> Pois então. Parece que eu gosto de reclamar? Foi mal. Não gosto. É que aqui nessa cidade há vastíssimo material para fazer isso. Preferia que não fosse assim. Mas as pessoas de cima e de baixo não estão colaborando. Pelo contrário, estão cagando em cima da cidade. E fico cada vez com mais vontade de me evadir. Não é mais uma fantasia romântica. Estou mesmo procurando um jeito de emigrar, mesmo sabendo que nenhum lugar é perfeito e que os creeps só mudam de patologia. (Campos, 2008)

A crítica, dirigida ao Rio de Janeiro, ultrapassa o nível do desabafo pessoal para tocar em uma dimensão mais ampla. Campos, ao declarar que “estou mesmo

procurando um jeito de emigrar", expressa esse desconforto não como negação da cidade, mas como consciência da tensão entre indivíduo e espaço social.

Em postagem de 13 de junho de 2008, ela reafirma esse sentimento:

> Eu vou falar uma coisa horrível agora para quem não sabe ou não percebeu: esse país e eu nunca nos bicamos. Não digo que a culpa é dele ou é minha, mas nossas práticas são diferentes. Talvez eu seja uma nova espécie de brasileira ou uma velha espécie de inglesa ou japonesa, mas o fato é que não furo o sinal com minha bicicleta, não jogo papel na rua, valorizo extremamente o silêncio e a natureza, e detesto a obviedade de um olhar lúbrico eterno pregado à minha bunda. Me identifico mais com os índios autóctones do que com essa descivilização encruada que parece só saber poluir, gastar e desperdiçar. (Campos, 2008)

A relação de dissociação com o Brasil aparece, aqui, como identidade em conflito – ou, como propõe Linda Hutcheon (1991), um "sujeito cindido" que se articula na pós-modernidade por meio de discursos autorreflexivos e irônicos.

Tal dissociação é também perceptível na postagem de 15 de agosto de 2007, em que relata:

> Ficam me negando a nacionalidade porque não caio no estereótipo. Desconhecidos em supermercados.Perguntei a um atendente onde ficava tal produto, ele me disse, e quando ele foi embora uma pessoa a meu lado soltou impromptu "você é daqui?". Aconteceu várias vezes, muitas mesmo. É um incômodo real pros outros ver que nasci e cresci aqui no Rio e sou desbronzeada, educadinha, [...], não gosto de ser interpelada por desconhecidos etc. etc.Ao desconhecido do supermercado que me interpelou - lembro que virei para ele, estudei-o com uma cara intrigada, vi que não nos conhecíamos e que o tom da pergunta, apesar de ser uma indiscrição, era de pura curiosidade irreprimível - séria, respondi que sim.
> Mas não nasceu aqui.
> Nasci, sim. Nasci aqui.
> Nasceu no Brasil; mas não no Rio - afirma peremptoriamente o desconhecido.
> Sim, nasci aqui, no Rio de Janeiro. Ah... (longa pausa) Não parece! Comecei a fazer a engenharia reversa dessas perguntas todas e suas respectivas ocasiões e a motivação me pareceu transparente. Incomoda o modo natural com que faço as coisas, como se estivesse familiarizada com elas, mas ainda assim não as aceitasse. Pego um ônibus, mas sento retinha. Realmente esse é um país para acomodados, e é só pelos incomodados que se faz força: pra marcar com a letra escarlate, ou melhor ainda, expulsar à base de muita pressão e invasão. E é claro que também não me conformo com isso.Se eu fosse uma carioca normal, atenderia o desconhecido no supermercado já com um sorriso, que afinal ele teve o bom-gosto de prestar atenção em MIM! (Campos, 2007)

A performance discursiva de Simone Campos no blog inscreve-se, portanto, em um projeto literário mais amplo, que não apenas tematiza o deslocamento, mas o encena como parte constitutiva de uma identidade autoral. A crítica à banalidade da vida urbana, ao machismo cotidiano e à falta de civilidade se dá sempre por meio de uma ironia afiada, que transforma o incômodo em narrativa, e a narrativa em estética.

Nesse contexto, a autora pode ser lida como aquilo que a crítica chama de “testemunha pós-moderna”: alguém que presencia o colapso simbólico do espaço urbano e das noções tradicionais de pertencimento, mas que ainda assim encontra formas de representação que preservam a subjetividade. Tal estratégia pode ser compreendida, como propõe Hutcheon (1991, p. 158), como um ato de “comprometida desilusão”, em que o desencanto não paralisa, mas produz discurso.

Ainda, Simone Campos pode ser compreendida como uma escritora-voyeur, não no sentido passivo de quem apenas observa, mas como alguém que examina o mundo ao seu redor com olhar analítico e constantemente deslocado. Especialmente *Herói*, revela uma sensibilidade voltada à observação dos rituais sociais, dos corpos em circulação, da linguagem em atrito e do espaço urbano em ruínas.

Essa observação, porém, não é neutra: Simone atua como uma “testemunha implicada”, alguém que olha o mundo como quem tenta decifrá-lo ao mesmo tempo em que se sente estrangeira nele. A autora se posiciona na borda entre o dentro e o fora, entre o pertencimento e a alienação, e seu olhar voyeurístico é o instrumento com o qual constrói uma estética literária.

Esse impulso voyeurístico se manifesta também na forma como Simone escreve sobre si mesma. Ao compartilhar fragmentos de sua intimidade em seu blog pessoal, ela não apenas revela, mas também contempla a própria performance de viver – como se o ato de narrar fosse uma espécie de espelho invertido.

Seu desconforto diante da normatividade carioca, brasileira ou urbana não é apenas um tema, mas uma lente. A autora parece observar a si mesma com o mesmo olhar que dirige ao mundo: crítico, irônico, incomodado, como se só fosse possível se aproximar das experiências humanas ao mantê-las sob análise, sob o foco de um observador que, ao mesmo tempo em que participa da cena, se recusa a ser absorvido por ela.

Na arte, o voyeurismo tem sido um dispositivo recorrente para pensar a relação entre narrador, personagem e leitor. De *Dom Casmurro*, em que Bentinho observa obsessivamente Capitu em busca de provas de uma possível traição, até *Janela Indiscreta*, de Hitchcock – um clássico do cinema que se apoia na lógica narrativa literária –, o olhar voyeur é frequentemente associado à tensão entre desejo e controle, entre saber e invasão.

Roland Barthes, em *O Prazer do Texto*, sugere que o prazer da leitura está ligado a um movimento voyeurístico: o leitor espia o texto, deseja-o, mas nunca o

possui completamente. A literatura contemporânea, por sua vez, tem amplificado esse jogo de olhares, multiplicando camadas de exposição e observação. Nesse cenário, o voyeurismo não é apenas um tema, mas uma estratégia narrativa.

3 VOYEURISMO NARRATIVO E A CONSTRUÇÃO DO OLHAR EM *HERÓI*

Na literatura, o voyeurismo pode aparecer como um dispositivo narrativo e temático que coloca em cena o olhar invasivo e manipulador de personagens que se posicionam como observadores distantes da vida alheia. O voyeur – aquele que vê sem ser visto – representa não apenas um sujeito que busca prazer através do olhar, mas também um narrador que filtra, recorta e atribui sentido ao mundo a partir da sua perspectiva.

Esse tipo de personagem costuma revelar mais sobre si mesmo do que sobre aqueles que observa, expondo contradições, fantasias, preconceitos e mecanismos de controle em sua relação com o outro. No conto "Herói", de Simone Campos, esse olhar se intensifica e se formaliza como estrutura do próprio texto, configurando-se como um exercício de voyeurismo literário que convida o leitor a ocupar a posição de observador silencioso e cúmplice da intimidade alheia.

Nesta parte do trabalho, analisamos como essa dinâmica voyeurística atravessa o conto, compondo não apenas o enredo, mas também a crítica subjacente aos modos como o narrador se apropria do mundo que o cerca. Para isso, escolhemos um dos contos presentes em *Amostragem Complexa*. A partir dele, investigamos aspectos formadores do texto narrativo e buscamos refletir sobre processos que se aproximam formalmente de uma linguagem voyeurística.

Amostragem complexa é o terceiro livro de Simone Campos (o primeiro de contos), publicado em 2009, através da premiação do programa de criação literária Petrobras Cultural e editado pela editora 7Letras. A coletânea possui doze contos que, em sua maioria, tratam de tipos e questões urbanas. São personagens envoltos nos temas típicos da metrópole, ensimesmados em suas rotinas e atravessando, de diferentes perspectivas, a multiplicidade ilimitada de existências e universos que a fragmentação do indivíduo contemporâneo permite à literatura.

Além disso, na escrita dos contos de *Amostragem*, a autora realiza, à época da publicação do livro, uma mudança de caminho estilístico, optando por uma composição menos hermética. Ainda assim, o texto permanece desafiador, exigindo do leitor a resolução do jogo narrativo instaurado pelas lacunas que, paradoxalmente, preenchem seus contos.

Dentre esses contos, *Herói* reúne aquilo que é marca da escrita das primeiras publicações de Simone Campos, como a ironia no tratamento com o entorno e certo

desprezo que seus personagens experimentam em um processo de estranheza contínuo; as referências à cultura pop e um autoisolamento de seus narradores para, de longe, tudo julgar.

Herói é o número dois na sequência da publicação. Sobre esse conto, no site profissional de Simone Campos, há a seguinte sinopse: “Rapaz passa o tempo no trabalho observando os arredores com binóculos e começa a namorar uma de suas observadas”. É justamente essa observação e a discussão que ela permite que torna o conto interessante para este trabalho, uma vez que a análise aqui presente se dá justamente pela tensão entre o olho do narrador (sua perspectiva, através de seus binóculos, ou seja, aquilo que ele pode capturar e decide “registrar”) e do conceito de voyeur.

A análise será conduzida a partir de três eixos principais. Em um primeiro momento, o foco sobre o olhar voyeurístico do narrador e como ele é direcionado de forma sistemática e fetichizante às figuras femininas, transformando-as em objetos de desejo e projeção de suas fantasias. Em seguida, investigamos o modo como o narrador-personagem atribui significados aos sujeitos que observa, revelando, por meio de suas descrições e julgamentos, preconceitos e estereótipos que sustentam sua visão de mundo. Por fim, é analisado o modo como o narrador manipula os acontecimentos e personagens ao seu redor, construindo uma narrativa subjetiva e enviesada que escancara sua posição de controle e alienação frente à realidade.

Além disso, é dessa observação que podemos depreender um painel analítico expondo um protagonista que parte da fetichização das mulheres que habitam os arredores do seu trabalho para revelar e se revelar. Explorar as camadas desse conto é um trabalho de exposição e julgamento daquilo que o narrador personagem decide nos contar. De certa forma, discutimos alguns poderes que esse herói possui e como decide utilizá-los.

Como um herói pervertido que fetichiza o entorno, Darel - um dos “homens horríveis” de um conjunto deles que habitam os contos de *Amostragem complexa* – o narrador plana pela sua janela convertendo-se em um deus que aponta, “controla” e manipula aqueles que se tornam alvos de seus binóculos. Ainda, é um protagonista que, mesmo diante de sua mediocridade, não se importa em ser cáustico ao fazer seus julgamentos e apontar. Um sujeito que se esconde por trás dos artifícios que possui jogando com personagens que existirão apenas para lhe proporcionar algum prazer e lhe tirar do tédio dos dias que passam.

Darel é um narrador personagem que está prestes a completar 30 anos e trabalha como Engenheiro de TI. Ele passa muitas horas do seu expediente observando as pessoas que habitam e trabalham no outro lado da rua, assim como o entorno do prédio onde ele mesmo trabalha. De sua janela, ele acompanha, “como quem assiste a um filme mudo”, os acontecimentos que se dão com os “personagens” que recorta da paisagem imediata.

Como uma distração, o personagem usa do pouco valor que aparenta demonstrar pelo trabalho desempenhado para fazer algo que mais lhe interesse. É o tom que beira o pornográfico que chama atenção na introdução do conto quando nos apresenta a um conjunto de mulheres genericamente chamadas de “as funcionárias”.

No início do conto, já podemos antever que os acontecimentos narrados não são parte de um hábito recente. Isso fica claro quando o narrador diz, a respeito das mulheres que trabalham no outro lado da rua, no prédio que fica no raio de visão de sua janela, que “A que mais me intriga é a janela do 7º andar”; já há um recorte prévio daquilo que ele decide nos contar. É essa escolha e a atenção aos detalhes que o narrador recorta do todo e utiliza, com minúcia, para descrever as roupas das funcionárias – o que já demonstra, desde o início, uma certa tendência à sexualização. Esse olhar também antecipa a maneira como ele apresentará os demais personagens ao longo do texto.

Não se trata, portanto, de uma janela qualquer. Dentre tantas, aquela é a janela que mais lhe intriga. Isso é importante para a compreensão do exame do julgamento e de como o narrador nos contará sobre os seres que vivem ao redor de seu ângulo de visão, ou seja, daquilo que a janela lhe permite nos contar.

Para termos uma ideia de como Darel acompanha os acontecimentos que lhe rodeiam, já faz uma semana que ele observa que o ar da repartição pública que fica na frente da sua janela quebrou. É nessa repartição pública que fica a janela pela qual ele nos deixará entrever o que se passa através das marcas de seu olhar.

Diante de tantas formas de colocar em perspectiva o ar-condicionado quebrado, é a forma como esse fato age sobre as funcionárias que chamará atenção do narrador. Sobre os funcionários da repartição ele não faz qualquer menção. É de se esperar que além de mulheres, homens também trabalhem na repartição, mas esses não interessam ao voyeurismo de Darel. O tal ar quebrado se torna disparador para as observações e apontamentos de Darel, que narrará os desdobramentos da

ausência de refrigeração nas funcionárias, isso porque serão elas o alvo de seu voyeurismo.

A partir daqui, o narrador nos contará, com os detalhes que decide destacar, o que acontece na sala do outro lado, convertendo o que poderia ser uma descrição objetiva do que vê em uma imagem clichê de sexualização das mulheres com calor: “as funcionárias começaram a usar roupas sumárias, decotes profundos, nenhum sutiã. Fecham os olhos com entrega, entreabrem os lábios e sorvem o ar morno que um leque, agitado, lhes dá na boca” (Campos, 2009, p. 24).

A semana passa e, enquanto o ar não é consertado, as "funcionárias da repartição pública” seguem sendo seu objeto de observação. O narrador sequencia os dias da semana acompanhando com atenção o desenrolar e a espera pelo conserto. Passa a segunda-feira, quando elas chegam com “mini-ventiladores”; a terça-feira, quando uma delas leva um ventilador de mesa. Na quarta-feira, quando “não há nenhuma nuvem no céu”, Darel anseia “ardorosamente” pelas “funcionárias do município” na espera da evolução de suas investidas contra o clima quente. Mas na quarta-feira há uma paralisação por melhores salários que frustra sua ânsia pelo seu entretenimento diário.

Até que, na quinta, quando chegam “seminuas”, o reparo do ar-condicionado inesperadamente está feito, o que dá a deixa para que o narrador, mais ums vez, converta a cena banal das funcionárias desprevenidas numa composição sexualizada clichê, quase pornográfica: “Mandam a estagiária trepar numa cadeira. Cambaleando no salto agulha, ela mexe no termostato sem resultado (encolhe os ombros). Então, resignadas, se apinham num canto, se aconchegam, esfregam os braços uma da outra, os biquinhos duros.”.

Aprimorando suas habilidades de voyeur, Darel decide levar o binóculo de seu avô para o trabalho. É interessante perceber aqui o narrador destacar que isso o faz voltar aos doze anos, destaque que é complementado pela referência a jogos como Little Computer People e *Sim City*, dois jogos de simulação social onde há a construção e a administração de cidades pelo jogador. Fica claro que o narrador traz das dinâmicas virtuais, possibilitadas pelos jogos, o gosto pela “manipulação” e criação de narrativas dos tipos sociais, agindo de sua janela como o deus criador e controlador daquilo que vê de sua visão panorâmica, evidenciado mais à frente na narrativa, por ele se localizar em um andar elevado do edifício.

Revelando um pouco sobre sua rotina no trabalho, o narrador personagem destaca que burlar seu expediente é uma prática vigiada pela empresa, pelo menos no que diz respeito ao uso dos computadores, mas que ele escapa a essa regra por trazer seus “próprios brinquedos” (as pessoas que ele observa da janela? O binóculo?). Em seguida, zomba do método de seleção que o admitiu na empresa, destacando sua frustração com o funcionalismo público ao declarar que “Não tem cabimento tentar concurso agora. Mesmo que seja para cair no meio do harém do outro lado da rua”, reforçando que é mais confortável continuar ali com seu “binóculo Zeiss”.

Mais à frente, Darel reforça o hábito de observar o entorno dizendo que pela observação “assídua” descobriu que o “mendigo maluco” da praça está fazendo sinal para um ônibus visível apenas para ele. Logo após, em dois parágrafos distintos, o narrador enumera dois novos cenários: um deles um prédio verde, de onde entram e saem carregadores com caixas das quais ele especula o conteúdo; no cenário seguinte, nota que, em uma casa perdida entre os prédios, os filhotes de dois pastores alemães vêm desaparecendo um a um.

No parágrafo seguinte, volta a citar as janelas e os usuários de computador com telas voltadas para fora, que acreditam, segundo o narrador, que não estão sendo vigiados: "Pensam eles – diferente de mim, que sei que, me observe do alto quem for, não moverá um dedo, exatamente como eu". Novamente, o narrador se coloca acima dos demais sujeitos observados ao se comparar com quem quer que o observe do alto.

Na busca por entretenimento, Darel aponta para a rua em busca de um novo assunto; dessa vez escolhe uma seguradora que “desova ternos e mais ternos na calçada". Aqui há uma evidente personificação dos ternos para se referir aos corretores de seguro. Novamente, o narrador usa da iconoclastia de tipo sociais para tecer seus comentários que despersonalizam os indivíduos para caberem na devida correspondência de sua narrativa.

Logo depois, o narrador, após se entreter odiando-os e prestes a “mudar de canal”, vê surgir “do meio do cinza uma garota criminosamente vestida em vinho”. Esse evento marca o auge de sua rotina como voyeur, levando-o até a rompê-la para tirar a si próprio da posição de observador assíduo.

Nessa altura do conto é interessante perceber como o narrador constrói as ideias que faz das pessoas que observa do alto de sua janela. A breve análise do que

acontece do recorte de mundo que a abertura na parede lhe dá já parece autorização para definir quem são os personagens que ele escolhe evidenciar.

Nesse sentido, quando pontua, por exemplo, que “o jeito de caminhar dela diz claramente: ela odeia tudo aquilo”, fica evidente que é essa valoração de uma certa forma de caminhar que dirá a respeito de como Darel percebe esse novo elemento dentro de sua rotina de voyeur. Aqui, é importante reforçar que a afirmação e o valor que ele dá ao “jeito de caminhar” já é o processo criativo do olhar do narrador. Ou seja, para construir a narração dos dias e daquilo que ele consegue ver de sua janela, não basta apresentar o “quadro geral”, é preciso isolar a figura “criminosamente vestida em vinho” para que ela seja útil àquilo que ele narra.

Logo, para dar continuidade à narrativa é preciso isolar a personagem do todo e criar para essa nova personagem um novo “movimento” no qual ela possa existir conforme sua demanda na história que decide construir dentro da narrativa. Para depreender isso é possível notar que aqui ele explicita “ela se desgarra da multidão de ternos e vai trotando até entrar no restaurante vegetariano”, mas afinal quem “desgarra” a personagem é ele, o próprio narrador.

Por isso, convém ressaltar que é o olhar do narrador que nos permite entrar na história, carregados pela subjetividade daquele que nos guia. Como se narrar fosse o filtro por onde lemos não apenas a descrição de eventos, mas também nos aproximássemos de uma determinada percepção dos fatos narrativos, os quais revelam as emoções, os valores e as experiências do narrador.

Na literatura contemporânea, a experiência de leitura envolve múltiplas camadas de significação, muitas vezes mediadas por diferentes vozes narrativas, estruturas fragmentadas e perspectivas subjetivas. Esses recursos não apenas revelam aspectos profundos da realidade, mas também podem manipulá-la, conduzindo o leitor por caminhos específicos de interpretação. Por isso, é fundamental refletir sobre os filtros e estratégias que moldam nossa compreensão do texto.

No conjunto de observações apresentadas pelo narrador podemos depreender que ele é um jovem adulto que não alcançou sucesso profissional nem certa realização pessoal, dado que é possível considerar na altura do que pode ser chamada de segunda metade do conto. Aqui, o narrador se apresenta como um sujeito prestes a completar 30 anos, para quem a idade das festas passou e alguém que se cansou do “apogeu dos egos” ou ainda “do mal-estar na hora de fechar a conta porque ninguém lembrou de deixar os 10%”.

É nesse ínterim, após revelar que deseja se “enfurnar em algum canto bem distante da civilização” que, repentinamente, conhecemos Raquel, a personagem que até então era apenas uma descrição do que o narrador podia ver de sua janela. Já no dia seguinte, depois de ver Raquel pela primeira vez, o narrador decide sair de sua posição de voyeur e empreende um primeiro contato com a personagem, exatamente no restaurante vegetariano onde a viu entrar no dia anterior.

É interessante notar como tudo acontece entremeado de vazios que não nos deixam entender com clareza se o que se passa é apenas uma ilusão do narrador personagem ou fatos dentro do enredo. Isso acontece pela razão de que não é possível saber como Darel descobre repentinamente o nome da figura que até o dia anterior somente frequentava o entorno de seu trabalho.

Outro aspecto interessante são os clichês que acontecem no primeiro encontro entre Darel e Raquel e a forma como o narrador age para que tais clichês aconteçam:

> Dia seguinte, lá estava eu no restaurante vegetariano, é claro. E derrubamos juntos a torre de sacos de granola e nos olhamos cúmplices. A dona, uma chinesa invocadinha, partiu para cima de Raquel, e eu a defendi, e ganhei sua confiança. Mostrei-lhe o restaurante vegetariano concorrente, ela não conhecia, e pouco a pouco fomos virando namorados. (Campos, 2009, p. 26)

Ainda que seja típico do gênero conto um certo tipo de procedimento de escrita lacunar, aqui os acontecimentos se dão em uma “velocidade” que causa estranheza, é o tipo de movimento de composição muito comum ao cinema. Quando imagens sobrepostas nos permitem deduzir, a partir de clichês, o que virá a seguir. Ou ainda, quando essas imagens, se sobrepostas, manipulam nosso modo de ver.

John Berger diz que “grande parte de ‘ver’ depende de hábito e convenção” (Berger, 1972), também aqui o narrador conta com nossa inclinação e repertório pessoal para nos fazer acreditar no encontro fortuito reservado pelo “destino” entre ele e Raquel, mas aqui nós já o conhecemos o suficiente e há pistas o suficiente para desconfiarmos, principalmente, o narrador sabe que estamos em um mundo no qual só ele pode ver.

É também pela “manipulação” que Darel age no primeiro encontro, afinal ele já sabia que o restaurante que Raquel frequentava era o vegetariano e não parece menos intencional que ele tenha agido para esbarrar na pilha que formava a torre de sacos de granola levando a sua queda ou menos tendenciosa a sua afirmação na qual ele pontua que houve uma troca de olhares cúmplices.

De todo modo, não seria viável simplesmente refutar as impressões de Darel, afinal só podemos ler o conto através de seus olhos, mas ao menos, questionar, daquilo que podemos considerar de sua personalidade, que ele é um sujeito capaz de fazer considerações preconceituosas ou de criar narrativas enviesadas a partir de uma percepção completamente individualizada do mundo.

Depois do primeiro contato com Raquel, Darel parece retornar ao seu modo voyeur agora para vê-la dormir e “aproximar e deixar os olhos acesos feito lâmpadas pousados nela”, também nesse trecho: “deixei para ela o lado da cama virado para os armários e não para as janelas”.

Essa relação de Darel com as janelas é parte fundamental para compreender como ele precisa atender à demanda do hábito do voyeurismo, uma vez que é justamente aquilo que ele não viu que irá desestabilizar seu universo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto *Herói*, de Simone Campos, portanto, nos permite identificar como o voyeurismo atua não somente como tema central, mas sobretudo como método narrativo que ultrapassa as fronteiras entre ver e compreender, narrar e controlar, desejar e dominar. Ao criar uma narrativa em que o olhar é instrumento de poder e distanciamento, a autora nos convida a ocupar uma perspectiva e se posicionar criticamente em relação às formas de narrar.

O protagonista Darel não é apenas um voyeur comum: ele é um narrador que encena, com ironia e autocomplacência, o domínio do olhar sobre o outro – particularmente o corpo feminino –, transformando-o em objeto de fetiche, controle e frustração. Essa postura atravessa toda a narrativa e revela uma crítica ao olhar masculino, habituado a registrar, categorizar e consumir.

Por meio da linguagem fragmentada e de referências culturais que transitam entre o pop, o irônico e o cotidiano banal, Simone Campos produz uma alegoria do olhar contemporâneo – saturado, digitalizado e distorcido. Assim, sua literatura torna-se uma ferramenta para interpretar os mecanismos de observação e representação do outro na sociedade contemporânea.

Conclui-se que o conto *Herói* articula um comentário crítico ao poder do olhar e à naturalização do voyeurismo como prática social. Por fim, esta leitura sugere que o narrador de Campos não apenas observa, mas constrói uma realidade ficcional a partir de sua perspectiva individual e, ao fazê-lo, evidencia características estéticas da narração contemporânea.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1984.

BERGER, John. **Ways of Seeing**. London: Penguin Books (em associação com a BBC), 1972.

BERGER, John. **Modos de ver**. Tradução de Lucia Santaella. São Paulo: Rocco, 1999.

CAMPOS, Simone. **Amostragem complexa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Zahar. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JANELA indiscreta. Direção: Alfred Hitchcock. EUA: Paramount Pictures, 1954.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H**. Rio de Janeiro: Rocco, 1964.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ANEXO A – *HERÓI*

Herói

A que mais me intriga é a janela do 7º andar da repartição pública do outro lado da rua. Bate sol da tarde, o ar quebrou e há mais de uma semana está pra consertar; as funcionárias começaram a usar roupas sumárias, decotes profundos, nenhum sutiã. Fecham os olhos com entrega, entreabrem os lábios e sorvem o ar morno que um leque, agitado, lhes dá na boca. Na segunda-feira, voltam da hora de almoço equipadas com mini-ventiladores de cinco reais, boa fortuna de algum camelô. Na terça-feira, uma delas leva um ventilador de mesa que lhe esvoaça os cabelos. A veterana passa um creme branco no rosto na frente do computador. O calor só faz piorar. Na quarta-feira não há nenhuma nuvem no céu. Anseio ardorosamente pelas funcionárias do município. Mas a quarta-feira é de paralisação por melhores salários (e condições de trabalho). Na quinta-feira, elas chegam, seminuas, às onze da manhã – e inesperadamente o reparo foi feito. É como assistir um filme mudo. Mandam a estagiária trepar numa cadeira. Cambaleando no salto agulha, ela mexe no termostato sem resultado (encolhe os ombros). Então, resignadas, se apinham num canto, se aconchegam, esfregam os braços uma da outra, os biquinhos duros.

Com o binóculo do meu avô, meus doze anos voltam: Little Computer People e SimCity combinados a meus pés. Eu ficava horas. Horas. Na mesma época em que o After Dark era um killer app, creio.

No computador da empresa não se pode instalar nada nem acessar um site qualquer. Eles pensam que assim podem obrigar você a trabalhar. Funciona com a maioria das pessoas. Funcionou comigo, até eu começar a trazer meus brinquedos.

Faz dois anos que imitei um golfinho na dinâmica de grupo e entrei como Engenheiro de TI. Não tem cabimento tentar concurso agora. Mesmo que seja para cair no meio do harém do outro lado da rua. Continuo aqui com meu binóculo Zeiss.

Há em toda praça um mendigo maluco. O daqui de baixo tem mania de saudar freneticamente o nada; pela observação assídua, descobri que está fazendo sinal para um ônibus que só ele vê, e que nunca pára.

Um dos andares do prédio verde é abarrotado de pilhas de caixas de papelão de todos os tamanhos. Os carregadores entram, espetam pedidos na cortiça, fumam um cigarrinho, bebem um copo d'água, pegam outro pedido de outra cortiça, arrumam

mais caixas seladas no carrinho e saem. As caixas são recheadas atrás de uma porta; desconheço seu conteúdo. Gatos de Schrödinger, talvez.

Uma casa perdida entre os prédios tem por hábito soltar dois pastores alemães e filhotes a tarde toda no terraço. Fazem um puta barulho. Os filhotes vêm desaparecendo, um a um.

Há, aqui e ali, telas de computadores viradas para as janelas. Os usuários dessas máquinas costumam ser os mais relapsos, já que ninguém os vigia (pensam eles - di-diferente de mim que sei que, me observe do alto seja quem for, não moverá um dedo, exatamente como eu.)

Aponto para a rua. Uma eminente seguradora desova ternos e mais ternos na calçada. Todos bem-cortados. Os caras se dão soquinhos, se contam piadas, caminham pela calçada como gangstas, os negócios devem estar ótimos. Me entretenho um pouco em odiá-los. Quando estou prestes a mudar de canal, eclode do meio do cinza uma garota criminosamente vestida em vinho. Um tailleur bordô que não cai nada bem nela. Mas a culpa é dele. Do tailleur.

O jeito de caminhar dela diz claramente: ela odeia tudo aquilo. Deve receber trezentas cantadas baratas por dia. Ela é delicada, mas enfurecida. Os caras têm que fingir que não vêem aquela fúria toda por baixo pra se aproximarem em primeiro lugar, e esse fingimento só aumenta o ódio renitente.

Ela se desgarra da multidão de ternos e vai trotando até entrar no restaurante vegetariano.

Vegetariana. Hmm. Um toque de desespero. Um nela, outro em mim.

Então. Vou fazer 30 anos. A idade das festas passou. Cansado do apogeu dos egos após a oitava tulipa, de pegar casal recém-formado transando no banheiro, do mal-estar na hora de fechar a conta porque ninguém lembrou de deixar os 10%, esse ano só quero me enfurnar em algum canto bem distante da civilização com todo o conforto que a civilização pode oferecer. E Raquel.

Dia seguinte, lá estava eu no restaurante vegetariano, é claro. E derrubamos juntos a torre de sacos de granola e nos olhamos cúmplices. A dona, uma chinesa invocadinha, partiu para cima de Raquel, e eu a defendi, e ganhei sua confiança. Mostrei-lhe o restaurante vegetariano concorrente, ela não conhecia, e pouco a pouco fomos virando namorados.

Eu abraço sem pudor o clichê de vê-la dormir. Aproximar e deixar os olhos acesos feito lâmpadas pousados nela. Ela sempre dormia para o mesmo lado, o

esquerdo. Por isso deixei para ela o lado da cama virado para os armários e não para as janelas e seu amanhecer importuno.

Hoje ela tinha se mexido muito durante o sono e pendia para o meu lado com o cabelo todo revirado. Seu cabelo cor-de-mel cujo corte na altura do ombro fazia ficar felpudo.

A luz do amanhecer ainda é de baixo espectro: levanto, suspendo a persiana e com isso a penumbra não se altera muito. A cidade parece uma silhueta inabitada. Volto para a moça. Estendo a mão. Removo a franja irregular que se alonga e alcança a boca.

O pêlo tomba do avesso, como uma orelha de cão; embaixo, um buraco. O que é aquilo? Forço-me a olhar para aquilo, a entender o que é, embora preferisse desviar para o nascer do sol. E uma zona nua no meio da cabeleira linda, à esquerda da têmpora, escondida por um ardiloso corte de cabelo, se revela.

Então ela acordou. Dando pela minha presença, escabeceou a esmo, deslizou do colchão ao chão, e de uma cambalhota estava ajoelhada na ardósia, fitando intensamente e me fazendo a única pergunta importante.

— Você viu?

— Tudo bem.

Ela fremiu em repúdio.

— Não! Não "tudo bem", não! — tapou ela.

Meus tendões solícitos recuaram meio assustados. Sentada sobre a lateral da coxa, Raquel defendia o escalpo de mãos cruzadas e olhos baixos.

— Eu tenho vergonha — elucidou debilmente.

— O que é isso?

— Sou perfeita. Perfeita, entendeu? A não ser por esse buraco na cabeça. Você tem que entender isso. Você pode continuar comigo, mas só se esquecer disso.

Não pergunto por quê. Não costumo perguntar por quê. Você só pode continuar comigo se esquecer disso. Então devia aceitar a condição ou repudiá-la, e seguir adiante.

— Tudo bem. — aquiesço.

Raquel piscou os olhos e nunca mais os abriu, ficaram baixos, entre agradecidos e amnésicos. Mãos nas coxas.

Heróico, deposito-a na borda e me alço pra fora. O azulejo quebrado, bem que o caseiro dizia. Ela se contorce sobre a toalha, o pé pro alto em ponta. O sangue

desenhou precisamente o corte em V no mindinho esquerdo, depois o contorno começou a borrar, e agora escorria pela perna. Olho praquilo e não sei o que fazer, mas ao mesmo tempo sei exatamente o que fazer.

Tomo-a pelo calcanhar e percorro de volta o caminho do sangue doce. Embrulho o mínimo com o envelope dos lábios, quentinho.

— Vá pegar gelo! aaai! Álcool! — bufa ela socando o chão — Sei lá... leite!

— Leite é para quem beijou pimenteira, meu amor.

— Você vai ficar aí chupando meu sangue? Vai na cozinha e pega um papel... uma toalha... um band-aid... faz alguma coisa, porra!

Faço. Boto o pau para fora e a beijo fundo. Faço do ombro uma tipóia para o pé ferido, afasto o biquíni e entro sem bater. Ela está... molhada.

— Ah, não, Darel. Fala sério.

— Shh. Ninguém morre disso.

O circuito gastronômico, as feirinhas de roupas baratas, as cachoeiras que conheceríamos com a bike - tudo isso trocado por um saque ao supermercado e outro à videolocadora.

Transamos na piscina, atrás do estábulo do vizinho ela me paga um boquete, testamos a resiliência da minha velha casa de árvore. O gato cinza nos surpreende em frente à lareira desnecessária, mas climática; o tempo se esgota. Ando em círculos pela casa, frustrado. A civilização está podre!, brado. Solto as minhas melhores imprecações de velho bêbado misantropo. Isto a excita. Ela começa a rir e sorrir em cadeia e joga as pernas para cima. Na mesa ao lado, o último vestígio de gelo no copo dela (pepsi) desaparece, chupado, mordido. Meu deus, essa menina não tem vergonha de ser tão perfeita? Prissy little missy, murmuro mais para mim do que pra ela. E avanço pra fazê-la pecar.

Mas eu cometo um erro. Começo a fazer perguntas. Ela é vazia? Embaixo dessa fúria, dessa pele quente, tem o quê?

Este caminho está errado. Começar a pensar pra quê, ainda mais agora? Tentar apreender o que está possuindo te suga para o vácuo. Mas não sei me conter, e penso: passamos três meses num clube de suingue para dois. Só conversamos sobre Seinfeld. Por exemplo:

— Mas há episódios clássicos. Como aquele da esponja. E aquele episódio em que o George Constanza se apaixona pela secretária feiosa só pela boa organização dela.

— Que nada! Isso é muito chato! Não é sobre naaaada!

— Eu acho... — disse ela — Então acho que eu sou chata então, né.

Disse isso com a mais absoluta complacência. Tirou até uma baforada do seu cigarro invisível. Tudo isso me deixou internamente boquiaberto. Ela admitiu! Quer dizer, conseguiu perfurar a necessidade de ser gentil e tentar ser amada pelos outros e saiu pelo outro lado, produzindo um insight não só nela como nele também. Sim, ela era chata. Mas era adorável!

Em parte pela capacidade de costurar-se de dentro para fora e produzir insights como esses. A agulha afiada da inteligência costurando. Como ela agüentava. Era possível detectar-lhe um grande ego — o difícil era precisar, apalpando-a, aonde ele se escondia.

Não é que não nos conheçamos. Só não prestamos atenção nesse detalhe. O amor pode ser fortuito. O medo passou. Avanço sobre ela.

— Darel, o que você está fazendo?

Você manieta e abate. Carne malpassada. Couro ecológico. Bife de escalpo. Miojo sabor caspa. Gourmet de cérebro.

— Assim não, Darel... — geme a sereia.

Minha língua se arrasta pela bossa do crânio dela, voluptuosamente.

Vou dissolver todos os seus traumas, minha peladinha. Com cuspe mágico.

As lágrimas? As lágrimas também. É tudo potável.

Secrete pra mim.